

O PRAZER DE SERVIR A DEUS COMO “ES CRAVO LIVRE”



“Se alguém quiser me servir, siga-me; e onde eu estiver, lá também estará o meu servo. Se alguém me serve, o Pai o honrará.” (João 12.26)

No período bíblico, o “servo” não era homem livre. Ele estava sujeito à vontade e ordens do seu senhor. Porém, se o escravo fosse hebreu, ele serviria o seu senhor por apenas seis anos. No sétimo, teria a liberdade, de graça – independente do preço que o seu ex-dono havia pago por ele (cf. Êxodo 21.2) – e ainda por cima o escravo não poderia ser libertado e sair de mãos vazias, mas deveria receber uma parte do rebanho, do trigo e das uvas do seu antigo senhor (cf. Deuteronômio 15.12-14).

Mas havia casos em que, apesar de ser escravo, servos eram tratados com carinho e dignidade pelos seus senhores. Em algumas situações, essa relação era tão fraternal que, passados os seis anos de serviços forçados, alguns escravos recusavam a liberdade conquistada e preferiam continuar como escravos, continuando a servir de bom grado os seus senhores, os quais aprenderam a amar (cf. Êxodo 21.5). Em situações assim, o escravo era levado diante dos juízes, em seguida ele era encostado na porta, ou no batente da porta, e lhe furavam a orelha com uma agulha grossa, tornando-o escravo para sempre (cf. Êxodo 21.6). Mas, diferente dos outros escravos, esse servo era considerado um “escravo livre”, visto que ele livremente aceitou continuar a ser escravo do seu amado senhor.

A descrição acima é um exemplo muito apropriado da relação do homem com Deus. O apóstolo Paulo faz uso do termo hebraico עֶבֶד (*‘ebed* = “escravo”) para se referir a si mesmo (cf. Romanos 1.1). Paulo insinua que, outrora ele tinha sido “escravo” de Satanás; e que, tendo sido comprado por Cristo, agora ele era escravo voluntário, preso (amarrado) ao seu novo senhor por vontade própria.

O Senhor Jesus morreu sofredamente em uma cruz para que nós deixássemos de ser escravos do pecado, experimentando assim, a verdadeira liberdade (cf. João 8.32, 36). Cristo nos comprou com seu próprio sangue, pagando por cada um de nós um bom preço (cf. 1Coríntios 6.20; 7.23). Esse ato sacrificial de Cristo deve gerar em nós um constrangimento que seja capaz de nos fazer desejar a “escravidão do amor”, isto é, servir ao Senhor Jesus não porque nos sentimos obrigados, mas em gratidão por tão grande amor demonstrado em nosso favor. É usufruir do prazer de servir a Deus como “escravo livre”, correspondendo ao imenso amor até então demonstrado por todos nós (cf. João 3.16).